

A militância das palavras: a imprensa católica de esquerda no pré-golpe de 1964

Wellington Teodoro da Silva

Como as autoridades de Washington devem certamente estar conscientes, está ocorrendo nesse país uma guerra política de grande importância, que determinará sua orientação doméstica e externa e, com ela, a maior parte do continente.
(*Lincoln Gordon*. Embaixador norte-americano no Brasil em telegrama enviado ao Departamento de Estado em 03/10/1962).

I

O jornal Brasil, Urgente iniciou sua circulação em 17 de março de 1963 e a manteve semanalmente até ser fechado pelo golpe de Estado ocorrido no dia 31 de março de 1964. Ele fez circular 55 números em formato tablóide com 20 páginas cada. Seu estudo é pródigo para investidas de estudiosos que lidam com a história da imprensa, da política e do cristianismo no Brasil. Ele carrega em si a dramaticidade do seu momento histórico numa densidade capaz de fornecer também para o estudioso da comunicação um abundante material de análise sobre a militância na imprensa escrita.

Entre seus colaboradores encontramos nomes como os de Dorian Jorge Freire, Ruy do Espírito Santo, Roberto Freire (coluna “Gente como (e contra) a gente”), frei Carlos Josaphat, Paulo Emílio (Cinema), Carlos Fernandes (TV), Walter Negrão (TV), Aracy Amaral (artes plásticas), Arapuã e Claudius (humor), Franco Paulino (música popular), Paulo Mendonça (teatro), Luis Lopes Coelhos, Fábio Konder Comparato, Carlos Heitor Cony, Alceu Amoroso Lima, Dorothy Day (“Uma católica americana na ilha de Fidel”), Rui Costa Duarte (repórter), Francisco Ferreira

Whitaker (cartilha da reforma agrária), Dom Jerônimo Cavalcante, OSB, padre Jaime Snoek, Antônio Abujamra, Pompílio Diniz (“Operário, batente e patrão”), Lígia Fagundes Telles, Oswaldo Resende Júnior, Vitor Rego, Glezio Rocha, Hilário Correia (repórter), Fausto Figueira de Melo, Barbosa Lima Sobrinho, Zélia Ladeira Veras, Padre Milton Amaral, A. F. Cesarino Júnior, Luiz José de Mesquita, Alfredo Bosi, Ecléa Bosi e Murilo Mendes.

Sua fundação aconteceu a partir dos desenrolares da greve dos operários da fábrica de cimento Portland Perus, no ano de 1962. Um grupo de católicos que acompanhavam os operários percebeu o grande poder deslegitimante e desmobilizador exercido pelas grandes mídias. Esse movimento paredista perdia a credibilidade da sociedade civil e do próprio meio operário diante das notícias veiculadas por esses veículos. De ser assim, em uma das assembléias desse movimento foi aprovada a proposta política de se fundar um jornal que cumprisse a função de contraponto discursivo. Essa proposta foi levada adiante por um grupo que se formava ao entorno da figura do dominicano frei Carlos Josaphat.

As bases para esse empreendimento foram estabelecidas através da fundação da sociedade anônima *Véritas*, lema dos dominicanos, que reuniu 8.000 acionistas, um ano antes da publicação dos exemplares. Portanto, esse jornal teve dois anos de vida: um de preparação e outro de circulação. Após o seu primeiro ano, o jornal começou a circular atingindo o número de 60.000 exemplares, com venda de 80%, ou seja, 48.000 exemplares do jornal eram vendidos em todo o Brasil.¹ A ideia inicial dos fundadores do Brasil, Urgente era transformá-lo num jornal diário que, semanalmente, publicasse edições culturais e políticas mais densas. Dessa forma, cumprir-se-ia o objetivo de informar e formar opinião, ampliando o seu alcance para os diversos setores sociais em suas particularidades como os estudantes, os profissionais liberais, os operários, as donas de casa e etc. O jornal diário manteria a característica de ser o espaço dinâmico da informação cotidiana e às demais publicações caberia a responsabilidade da formação com maior densidade teórica.

E por surgir por motivação política, o seu primeiro editorial registra a sua condição militante e a sua inspiração na doutrina social da Igreja Católica:

Lutar com lucidez e coragem pela Justiça Social há de ser o terceiro aspecto complementar de nosso programa. Divulgaremos sempre as grandes linhas da doutrina social cristã, tal qual vem compendiada em Documentos como a Encíclica *Mater et Magistra* do Papa João XXIII. Mas a doutrina deve ser confrontada com os fatos e a ela aplicada. Daí a necessidade da análise desmetida e profunda do atual processo de desenvolvimento brasileiro, em seu conjunto e em suas peculiaridades, em suas características regionais, bem como em suas implicações continentais e internacionais.²

Ele propunha ser uma imprensa alternativa que emerge a partir da constatação e da negação ética da estrutura social, política e econômica existente no Brasil e da compreensão de que essa realidade poderia ser superada. Portanto, o seu triplo movimento constituiu-se em constatar, negar e superar. Maria Olympia França, co-fundadora e diretora, informa uma palavra que nomeia o espírito das pessoas envolvidas no denso processo elaborativo do Brasil, Urgente: “Acreditávamos”.³

Essa palavra situa esse jornal no ambiente romântico de todo o amplo movimento social que tomava forma e conteúdo a partir da segunda metade da década de 1950 e início dos anos 60.⁴ Período carregado de trânsito cultural, político e econômico no qual *revolução* era uma palavra mágica e frases como *o processo é irreversível* era comum entre as forças da esquerda, sobretudo entre a juventude universitária. Animados pelo *furacão* da revolução cubana, os setores da esquerda brasileira alimentaram esperanças de que toda a América Latina passaria pelo mesmo e irreversível processo de queda das antigas oligarquias. Em sendo assim, a década de 1960 não deixou ninguém lhe passar impunemente. Nela há um processo singularíssimo de inflexão histórica das mentalidades de admirável adensamento criativo e contracultural. O Brasil conheceu as *pequenas revoluções* em diversas áreas da criatividade humana, como o cinema, a literatura, a música, o teatro e a política.

Vale destacar alguns nomes de pessoas e movimentos como Glauber Rocha; Joaquim Pedro de Andrade; Elis Regina; Vinícius de Moraes; Edu Lobo; Nara Leão; Chico Buarque; Caetano Veloso; Gilberto Gil; Augusto Boal; Geraldo Vandré; Tom Zé; Os Mutantes; Milton Nascimento; Jair Rodrigues; Ferreira Gullar e movimentos como o Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes; o congresso do Povo Brasileiro pelas Reformas e o próprio jornal Brasil, Urgente. Eles traduziram em suas inteligências criativas o espírito daquele tempo. Esse elã romântico promovia na mentalidade militante a sensação de participarem do parto de um novo humano, uma nova história. Todavia, esses sujeitos e movimentos participaram de uma das grandes tragédias da história brasileira: a sua generosidade romântica recebeu a ação de violência de uma ditadura militar, com seus porões e torturas. O jornal Brasil, Urgente, na sua condição de mídia militante do catolicismo nacional-desenvolvimentista foi uma tradução desse grande movimento de *contracultura* dentro da Igreja. Esses católicos contrariaram a trajetória hegemonicamente conservadora dessa instituição religiosa no Brasil.

As lides pelas reformas de base estiveram entre as mais notáveis linhas temáticas desse jornal. No primeiro momento, esse empenho foi levado adiante com a convicção de que o Brasil estava passando por um processo revolucionário ou de golpe contra a democracia. De fato, o período imediatamente antecedente ao dia 31 de março de 1964 foi marcado pela fragilidade institucional e por mobilizações que se orientavam na direção da supressão do livre jogo das instituições democráticas. Em sendo assim, a democracia parecia uma palavra extemporânea para vários dos

atores políticos, com destaque para os filiados ao complexo formado pelo Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais – IPES – e pelo Instituto Brasileiro de Ação Democrática – IBAD – compostos, sobretudo, por setores militares e empresariais liberais na economia e conservadores na política, responsáveis pela criação de uma grande e complexa rede política e social contra João Goulart, o nacional desenvolvimentismo e de supressão das reformas de base, que compreendiam como um movimento em direção ao comunismo.⁵

II

O percurso do jornal Brasil, Urgente é marcado por dois momentos distintos ou estratégias no seu combate pelas reformas de base.

No seu primeiro momento discursivo ele demonstra grande otimismo quanto às realizações das reformas. Acreditava que as forças de esquerda estavam se posicionando de maneira a criar condições de sustentar um processo que re-fundaria o país. Portanto, as reformas deveriam criar as condições políticas e jurídicas para a promoção de mudanças amplas e profundas nas estruturas econômicas, políticas e sociais. Essa transformação seria o primeiro passo da efetivação da revolução brasileira por vias pacíficas.

Esse projeto possuía dois inimigos imediatos, pelo menos. O primeiro era representado pelo mando autoritário dos liberais da República Velha que se fazia representar por seus fidalgos que assentavam seu poder no meio rural. O segundo era representado pelo projeto do complexo IPES/IBAD. Esse segundo grupo diferenciava-se do primeiro, sobretudo, por propor uma “modernização conservadora”⁶ através de representantes do capital nacional associado ao capital estrangeiro, sobretudo o norte-americano. Ele possuía um projeto de país diferente do Brasil rural da República Velha e do nacional desenvolvimentismo de matriz varguista/trabalhista de João Goulart.

O conjunto das 11 reformas de base, como proposto pelas forças de esquerda, confrontava os interesses desses dois grupos. Ele criaria bases para a modernização das relações econômicas, sociais e políticas tanto no meio rural quanto no urbano, segundo a compreensão de Brasil, Urgente. O autoritarismo liberal urbano e rural tornar-se-ia extemporâneo. Dentre esse conjunto de reformas vale citar a fiscal, a bancária, a administrativa, a urbana, a universitária, a eleitoral e a agrária. Essa última foi objeto das maiores disputas políticas do último ano do governo Goulart. Naquele ambiente político grandemente determinado pelos ruralistas, propor uma mudança na estrutura fundiária brasileira impunha uma radical reorganização na estrutura política do país. Essa era a reforma mais urgente, segundo as forças da esquerda, porque ela causaria fissuras que abalariam fortemente o edifício político das oligarquias. No meio rural brasileiro o trabalhador não era protegido por leis

trabalhistas nem podiam sindicalizar-se legalmente. E esse lugar se tornava palco de conflitos abertos como o que acontecia entre o latifúndio e as Ligas Camponesas, que já faziam treinamentos de guerrilha e cujo líder, Francisco Julião, afirmava que elas eram apenas a continuidade das revoltas camponesas na Alemanha, analisadas por Engels. Portanto, eram revolucionárias em sua natureza.⁷

O Brasil, Urgente mergulhou em profundidade nesse debate defendendo as reformas. Seus artigos alertavam para o dado de que elas possuíam diferentes propostas. Algumas esperavam fazer apenas arranjos de superfície para viabilizar um projeto de Brasil que atendesse aos setores conservadores da sociedade e da economia. Essas propostas não contemplavam reformas efetivas em todos os 11 pontos. Elas deveriam, portanto, ser combatidas por não serem capazes de resolver os problemas estruturais profundos que o Brasil necessitava. As chamadas reformas *reais* deveriam descer em profundidade nos lugares estratégicos que inviabilizavam o desenvolvimento do país a um patamar que lhe possibilitaria ter condições de se colocar fora da condição de país satélite da guerra fria e de economia dependente.

Partindo dessa convicção, o jornal noticiava os desenrolares do embate político com matérias informativas e textos que visavam ampliar o universo de argumentos pró-reformas como as cinco “cartilhas da reforma agrária e do desenvolvimento”, escritas por Francisco Wintaker.⁸ Através de perguntas e respostas, como se fosse um diálogo casual, elas buscavam demonstrar que as questões de ordem social, política e econômica possuíam uma causa comum, a saber, o modo capitalista liberal de propriedade dos meios de produção e de remuneração do trabalho. O direito à propriedade da terra era o eixo no entorno do qual orbitavam seus argumentos, como podemos observar no fragmento a seguir:

É somente devido à dominação estrangeira que os povos pobres não se desenvolvem?

Nada disso – há outras causas. Uma das mais importantes é a Estrutura Capitalista que é totalmente inadequada para assegurar a promoção do Desenvolvimento dos países subdesenvolvidos.

Por quê?

Porque apresenta algumas falhas graves, decorrentes do fato dos proprietários serem senhores absolutos dos processos e dos resultados da produção. Em outras palavras: todos os meios de produção estão nas mãos de proprietários particulares que podem explorá-los e aplicar as rendas dessa exploração do jeito que quiserem.⁹

O canhão discursivo do jornal dirige-se de maneira contundente contra os conservadores esperando criar desprestígio e deslegitimidade. A matéria “Reação contra as reformas defendem até escravidão”¹⁰ é um exemplo dessa estratégia. Ela afirma que os deputados contrários à reforma agrária defendiam que o Brasil não

teria sido viabilizado se não fosse o trabalho de bandeirantes, que desbravaram terras hostis, o latifúndio e a mão de obra escrava. Esses parlamentares defendiam o darwinismo social e propunham que a realização da reforma agrária significava premiar os fracos. Esses sujeitos estavam lançando mão de todos os argumentos contra a dissolução da ordem moribunda e, nesse desespero de causa, acabaram por revelar suas visões de mundo.

A revolta dos sargentos, um dos termômetros daquele ambiente político tenso, ganha o apoio do hebdomadário que informa que esses militares queriam tão somente que o que o povo queria: as reformas. Na edição de 16 a 22 de junho de 1963, ele publica o manifesto dos sargentos e suboficiais com o título: “Manifesto: ‘somos iguais perante a fome’” e trechos de um discurso do subtenente Gelcy, líder do movimento. Esse apoio também marca a trajetória do jornal que acompanha a radicalização política que passava o país, radicalizando-se como instrumento dos setores de esquerda. Nesse empenho, seus textos procuravam convencer que o momento histórico exigia transformações profundas e que as velhas ordens e seus poucos defensores não conseguiriam conter esse movimento da história, como registrado pelo fragmento do discurso de Gelcy:

Ai, porém, dessa minoria reacionária, se com manobras sórdidas ou o dólar sujo, conseguir evitar essas reformas, porque nós, sargentos e oficiais progressistas pegaremos em nossos instrumentos de trabalhos e faremos as reformas juntamente com o povo. E lembrem-se os senhores reacionários: o instrumento de trabalho do militar é o fuzil.

III

Durante todo o seu percurso o jornal Brasil, Urgente denunciava manobras golpistas das chamadas forças conservadoras. O otimismo quanto às possibilidades dos setores de esquerda suportarem as pesadas disputas políticas do período cedia lugar para o ceticismo. O jornal sente que elas não estavam logrando êxito e perdiam, dia a dia, terreno político. E o golpe de Estado promovido pelos setores contrários às reformas de base desenhava-se com cada vez maior nitidez e tintas mais fortes num horizonte cada vez mais próximo.

A partir da edição de número 40, de 15 a 21 de dezembro de 1963, o semanário entra em seu momento mais crítico tanto do ponto de vista da política quanto de sua sobrevivência financeira. Sobre o segundo ponto cumpre-nos dizer que ele sofreu um forte impacto com a partida de frei Carlos Josaphat para o exterior. Segundo entrevistas que realizamos com dois ex-diretores do jornal, com o próprio frei Josaphat e às matérias publicadas pelo hebdomadário, pensamos não ser um despropósito afirmar que esse frade sofreu um exílio. Sua partida para a França

aconteceu devido à sua condição de uma das grandes expressões das forças de esquerda do período e de ideólogo do Brasil, Urgente. Setores conservadores do catolicismo brasileiro fizeram pressões que chegaram a Roma e à Ordem Dominicana, que foi forçada a retirá-lo do país. Esse exílio confirma o papel estratégico cumprido por esse semanário que cobria todos os estados do país e municiaava os setores de esquerda com informações e argumentos para os seus embates políticos, permitindo-lhes criar estratégias comuns.

Os militares que aderiram ao projeto golpista apenas o levariam adiante no momento em que tivessem a opinião pública a favor. Por isso, as batalhas nas mídias eram de fundamental importância naquele tenso e denso momento político. Dessa forma eles poderiam se apresentar como os paladinos dos desejos da sociedade em não seguir no arriscado jogo de João Goulart, Brizola e outros. Eles que propunham para o Brasil, segundo as forças conservadoras, o projeto de uma república sindicalista comunizante e inimiga dos valores da família, do cristianismo e da liberdade.¹¹

O exílio deixou o jornal sem o seu principal articulador teórico, político e religioso. Ele passa a sofrer dificuldades financeiras e de articulação política. E não por acaso, isso acontece no momento em que o cenário político fica mais acirrado e o jornal parece compreender que os movimentos golpistas de direita estavam conseguindo uma tal eficiência em sua articulação que o golpe de Estado parecia um final já anunciado. Embora seu discurso fosse sempre otimista quanto à realização das reformas, sua realização muda de sentido estratégico. Ele passa a defendê-las como meio para evitar o golpe.

Sua análise é simples: as reformas promoveriam as mudanças estruturais que os golpistas queriam evitar com a supressão do jogo democrático. Portanto, se elas se realizassem, o golpe perderia seu principal objetivo: evitar essa realização.

Entre as diversas denúncias dos movimentos golpistas, o jornal publica, na edição de número 47, de 2 a 8 de fevereiro de 1964, a matéria “Americanos financiam golpe da direita”. Ela foi feita a partir de uma entrevista com o deputado baiano João Dória sobre uma Comissão Parlamentar de Inquérito que investigou a ação de órgãos de imprensa estrangeiros no país. Segundo Dória, a Central de Inteligência Americana – CIA – era responsável por diversas ações golpistas e de sabotagens em diversos lugares do mundo e estava conspirando para a realização de um golpe no Brasil. Essa agência era controlada pelo grande capital internacional e conseguia se colocar fora e acima até mesmo do controle da presidência dos Estados Unidos.

Ela era a responsável pela *outra* diplomacia norte-americana, a *diplomacia negra*, que estava por detrás de eventos como o golpe de deposição de Mossadeg, no Irã; os tumultos no Congo, Argélia, Laos e Vietnã; o financiamento do exército secreto francês contra De Gaulle; a deposição dos presidentes reformistas de Honduras e São Domingos, obedecendo aos interesses da United Fruit Co. e o assassinio do presidente Kennedy. A CIA estava por detrás, já era sabido, do IPES e do IBAD que

conseguiram uma notável hegemonia por sobre a opinião da população brasileira, numa estratégia estruturada na propaganda anti-comunista.

A ação dessa agência acontecia em três fases, segundo o parlamentar. A primeira constituía-se em alienar a consciência nacional através da mídia; a segunda tinha um objetivo mais direto, a saber, mobilizar as forças políticas e as entidades de classes contra as reformas. Se essas fases não surtiram os efeitos esperados, a terceira fase seria colocada em prática: a ação direta na direção do golpe de Estado da extrema direita. Em todas elas, as mídias cumpriam o fundamental papel de formador da opinião pública. O parlamentar seguiu afirmando que as duas primeiras fases falharam no Brasil, em que pese o fabuloso derramamento de capital. Dessa forma, ele afirma que naquele momento já estava em funcionamento o desenvolvimento das estratégias para derrubar João Goulart e a implantação de uma ditadura de extrema direita.

No dia 31 de março de 1964, o general Olympio Mourão Filho colocou suas tropas em marcha de Juiz de Fora para o Rio de Janeiro precipitando o golpe de Estado. Embora Mourão estivesse fora dos grandes e cuidadosos planejamentos pró golpe financiados pelo complexo IPES/IBAD, seu ato fez os setores conservadores mobilizarem-se de última hora para colocar em ação os planos de assalto ao Estado. A última capa do jornal Brasil, Urgente estampou a seguinte chamada “Fascistas preparam golpe contra Jango!”. O golpe anunciado se efetiva.

IV

Por fim, compreendemos esse jornal como um instrumento de combate político. Nascido de necessidades ressentidas de setores da esquerda do país, ele acompanha a dramaticidade do ano que antecedeu o golpe militar de 1964. A construção da hegemonia da opinião pública aparece como elemento inarredável das forças políticas em disputa. Os meios de comunicação aparecem como lugares de produção de sentido num ambiente de disputas dramáticas pela construção de anéis de opinião cada vez mais amplos. O Brasil, Urgente não possuía outro sentido de existir para além da sua condição de mídia militante que permeasse a comunidade política brasileira com vistas à formação de um muito amplo movimento social e político. Ele esperava ser o porta-voz e ao mesmo tempo lugar de convergência dos diversos setores da sociedade civil organizada à esquerda.

Mídia político religiosa. Ele destaca-se por ser uma notável manifestação do pensamento da chamada esquerda católica. Esse setor do catolicismo é ressonante com o momento de inflexão de mentalidades e visões de mundo do período. O turbilhão dos anos 1960 penetra inclusive no ambiente católico que é um lugar estruturante de visões de mundo relevante na história brasileira.

O seu fechamento pelos setores que tomam de assalto o Estado brasileiro através do golpe, marca a derrota de um projeto de esquerda que ele representava

naquele momento. Entretanto, o seu registro permanece forte na memória de ex-militantes do período. O diálogo que estabelecemos com vários desses sujeitos revelou-nos que essa mídia cavou sulcos profundos na memória coletiva. E isso foi possível porque suas proposições produziam sentidos estruturantes da politicidade dessas pessoas. Portanto, se, por um lado, um projeto de nação foi derrotado pela instauração da ditadura civil militar pelas forças conservadoras, por outro, ele permanece no nível da memória que supera o tempo de duração do regime de exceção brasileiro e à aspepsia ideológica que ele propôs.

Wellington Teodoro da Silva
Professor da PUC Minas
wteodoro@pucminas.br

Notas

1. Dados informados na edição de número 9, de 15 de maio de 1963. Ver também Botas, 1983. p. 21.
2. Editorial do jornal Brasil, Urgente, 17 de março de 1963.
3. França p. 435. França in Betto, Meneses e Jensen, 2002.
4. Romantismo entendido como a negação da dissolução e fragmentação da modernidade. Ver: Lowy e Sayre, 1993 e 1995. Ver também Ridenti, 2002.
5. Sobre o IPES ver Dreifuss, 1981. Esse instituto conseguiu “estabelecer um sincronizado assalto à opinião pública, através de seu relacionamento especial com os mais importantes jornais, rádios e televisões nacionais” (Dreifuss, 1981: 233). Dentre esses veículos vale citar os Diários Associados; a Folha de S. Paulo; o Estado de S. Paulo; o Jornal da Tarde e outros. Esse dado demonstra o lugar estratégico que as mídias exerciam tanto nos empenhos golpistas quanto reformistas.
6. Cf. Dreifuss, 1981.
7. Cf. Julião, 1962.
8. A primeira foi publicada na edição de número 9, de 12 de maio de 1963.
9. Jornal Brasil, Urgente – n. 19 – 21 a 27 de julho de 1963.
10. Jornal Brasil, Urgente – n. 11 – 26 de maio a 02 de junho de 1963.
11. Cf. Dreifuss, 1981.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Cândido Mendes de. *Memento dos vivos – a esquerda católica no Brasil*. [S. L.] Tempo Brasileiro, 1966.
- AFFONSO, Almino. *Raízes do golpe – da crise da legalidade ao parlamentarismo – 1961 – 1963*. São Paulo: Marco Zero, 1988.
- BOTAS, Paulo Cezar Loureiro. *A bênção de abril – Brasil, Urgente: memória e engajamento católico no Brasil (1963-1964)*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade – lembranças de velhos*. 6ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. *As revoluções utópicas dos anos 60 – a revolução estudantil e a revolução política na Igreja*. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2006. (1ª em edição 1972).
- BRUNEAU, Thomas C. *O catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974.
- CARDONNEL, Jean et al. *Cristianismo e socialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- CARDONNEL, Thomas, VAZ, Henrique e SOUZA, Herbet José de. *Cristianismo hoje*. Rio de Janeiro: Editora Universitária, 1962.
- DELLA CAVA, Ralph. *Igreja e Estado no Brasil do século XX – sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro*. Em *Novos Estudos CEBRAP* 12 / Abril – Maio de 1975.
- DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do Estado – ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- ENGELS, F. *As guerras camponesas na Alemanha*. Lisboa/São Paulo: Editorial Presença/Livraria Martins Fontes. s/d.
- FILHO, Daniel Aarão Reis, *As esquerdas no Brasil: culturas políticas e tradições*. In: FORTES, Alexandre. *História e perspectivas da esquerda*. São Paulo/Chapecó: Editora Fundação Perseu Abramo/Argos, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- JOSAPHAT, Frei Carlos. *Evangelho e revolução social*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- JULIÃO, Francisco. *O que são as ligas camponesas?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.
- KADT, Emanuel de. *Católicos radicais no Brasil*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.
- LÖWY, Michel e SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LÖWY, Michel e SAYRE, Robert. *Romantismo e política*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.
- RIDENTI, Marcelo S. *Ação Popular: cristianismo e marxismo*. In: REIS FILHO, Daniel Aarão e RIDENTI, Marcelo (orgs.). *História do marxismo no Brasil*, 5. Partidos e organizações dos anos 20 aos 60. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2002. p.213-282.
- STARLING, Heloísa Maria Murgel. *Os senhores das gerais – os novos inconfidentes e o golpe de 1964*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- TARSO, Paulo de. *Os cristãos e a revolução social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.

Periódicos

JORNAL BRASIL, URGENTE. Trabalhamos com todas as edições desse jornal, iniciamos com a edição de número 1, de 31 de março de 1963 e concluímos com a edição de número 55, de 28 de março a 3 de abril de 1964. Coleção localizada no convento dos dominicanos de Belo Horizonte, MG.

Resumo

Esse artigo trata da militância católica de esquerda do jornal Brasil, Urgente. Ele foi um notável instrumento das forças reformistas radicais do Brasil até ser fechado pelo golpe de Estado de 1964. Esperamos situá-lo no ambiente de grande efervescência política do período e demonstrar o seu denso papel militante que ultrapassa os limites do ambiente do catolicismo de esquerda. Esse hebdomadário é importante para a história política e da imprensa brasileira tanto pelo seu amplo alcance de público de militância quando pelo seu conteúdo formador e informador para as forças de esquerdas do Brasil.

Palavras-chave

Imprensa Católica; Imprensa e Política; História do Jornalismo Brasileiro.

Abstract

This article deals with the militant left-wing Catholic newspaper of Brazil, Urgent. He was a remarkable instrument of radical reformist forces of Brazil to be closed by the coup of 1964. We hope to place him in an environment of great political unrest of the period and demonstrate its dense activist role that goes beyond the limits of the environment of Catholicism left. This Hebdomadad is important for the history and politics of the Brazilian press as much for its broad audience reach of militancy if his trainer and informational content to the left forces in Brazil.

Keywords

Catholic Press; Press and Politics; History of Brazilian Journalism.